

SABERES E SABORES NO TRABALHO COM LÍNGUA E LITERATURA¹

José Neres*



Prezadas senhoras, prezados senhores,

Não poderia começar esta breve conversa que não fosse com agradecimentos. Nem sempre é tempo de receber graças, mas sempre é tempo de agradecer por tudo aquilo que já temos e por tudo o que ainda iremos receber. Então fico grato pelo convite para estar aqui neste momento de trocas de aprendizagens e conhecimentos, no qual todos aprendem e todos, de algum modo, ensinam. Agradeço também ao gentil

¹ Texto lido e comentado durante a V Semana de Linguagens e códigos e II Seminário de estágio, da UFMA campus São Bernardo, em 28 de novembro de 2018.

* Professor de Língua e de Literatura. Graduado em Letras (UFMA), especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG), especialista em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa (Uninter), especialista em Metodologias de Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola (UCAM), mestre em Educação (UCB), doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Anhanguera-Uniderp). Membro da AML, da Sobrames e sócio correspondente da Aicla.

e amável convite formulado pela professora e amiga Kátia Cilene Ferreira França, de quem tive o prazer de acompanhar quase toda a gloriosa carreira acadêmica. Não poderia também deixar de agradecer a todos os presentes que, provavelmente, deixaram de lado alguns importantes afazeres para poderem estar aqui prestigiando este evento.

Depois dos agradecimentos, vem o momento de pedir desculpas. Peço, então desculpas à professora Kátia França pelo seguinte motivo: por meio de uma mensagem eletrônica, ela me passou o seguinte tema para ser discutido hoje com vocês: *“saber e sabor no trabalho com língua e literatura”*. Gostei da temática, porém, tomando dessas liberdades permitidas por uma amizade de longas datas, decidi, unilateralmente, colocar os dois substantivos iniciais no plural, por considerar que tanto a literatura quanto os estudos linguísticos são plurais e, dessa forma, oferecem também sabores e saberes pluralizados. Por isso, mesmo sem comunicar aos organizadores, decidi estabelecer o seguinte título para esta breve conversa: *“saberes e sabores no trabalho com língua e literatura”*. Espero que isso não interfira no desenvolvimento ne nosso diálogo sobre este importante assunto. Espero também que eu seja perdoado por essa ousadia.

O grandioso pensador Roland Barthes², advertiu em um de seus textos que saber e sabor têm a mesma raiz etimológica. Ele tem toda razão. Muitos saberes e todos os sabores podem ser encontrados nesses estudos linguísticos-literários. Todos saberes que advêm de nossos estudos trazem múltiplos sabores impregnados em sua trajetória. Olavo Bilac, um dos grandes poetas do Parnasianismo brasileiro, recomendou certa vez que:

**Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício.**

Então, da mesma forma que muitos têm em mente tão apenas a imagem de um belo edifício sem os andaimes, sem as escoras e sem os chapiscos, encantados com o doce sabor das vitórias, dos títulos acadêmicos, dos livros e artigos conquistados, esquecem de que em muitos momentos os sabores experimentados pelos pesquisadores de todas as áreas do saber foram azedos, ácidos, salgados ou amargos demais, pois estes são também sabores e servem para que possamos dar mais valor às

² Roland Barthes (1915-1980), crítico literário, ensaísta sociólogo e filósofo francês, autor de O prazer do Texto.

pequenas porções de néctar que vêm adoçar nossa vida. Não são raras as vezes em que os saberes são construídos sobre renúncias, sacrifícios e muitas notes insones.

O que nos ensinam os estudos linguísticos? E o que nos ensina a Literatura? A resposta poderia ser simplificada em uma breve palavra: tudo. Afinal de contas, aprendemos a ler com apenas uma intenção: **LER**. E, depois que nos sentimos alfabetizados e que conquistamos uma competência leitora, todos os conhecimentos ficam ao alcance de nossos sentidos. Os estudos linguísticos nos fornecem instrumentos suficientes para que possamos compreender, interagir e nos deliciar com as sutilezas de um **hem-hem** bem maranhense; de um **trem** amineirado; de um **visse** pernambucano; de um **tchê** gaúcho ou de um **painho** e de uma **mainha** bem abaianado. Todos os falares têm seus sabores peculiares e devem ser respeitados pelos demais.

Mais do que ser apenas um repositório de novas palavras em nosso vocabulário ativo, o estudo sistemático (ou mesmo assistemático) das linguagens nos permite viajar pelas imensidões de nosso Brasil nos braços, na cabeça e na língua do povo, já que, como certa vez nos disse o genial Manuel Bandeira:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada.

Então, ao estudar nossa própria língua (e também línguas estrangeiras, claro), ganhamos um passaporte sem limite de uso que nos permite passear pelas páginas de Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Adélia Prado, Ferreira Gullar, Josué Montello, João Cabral de Melo Neto, Carolina Maria de Jesus, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, João Gilberto Noll, Mário Quintana, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan, Jorge Amado, Manoel de Barros, Adonias Filho, Néida Piñón e de tantos outros autores que tornam nossas letras cada vez mais belas e mágicas.

Os estudos linguísticos e literários, quando bem articulados entre si, podem servir também para diminuir as barreiras do tempo e do espaço. Desse modo, é possível sair dos limites e das fronteiras físicas e culturais e

mergulhar na lírica e na épica de Camões; nos longos poéticos e ácidos parágrafos de José Saramago; na incômoda leveza de Mário de Sá Carneiro; na prosa de Eça de Queirós; nos encantos poéticos de Florbela Espanca; nas encantadoras páginas poéticas de Agustina Bessa-Luís ou na mescla de poesia e ciência de António Gedeão³, de quem reproduzo o belo poema abaixo.

Lágrima de preta
Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

E se a lágrima recolhida pelo hipotético cientista fosse a de uma mulher branca, ou de uma indígena ou de um homem de outra etnia? O resultado seria diferente? Claro que não. Não importando a raça e as peculiaridades, as dores humanas apresentam um elevado grau de universalidade, e tanto a lágrima do negro quanto os brancos apresentam a mesma coloração e a mesma composição química. Um belo poema, sem dúvida, que precisa ser relido com mais calma.

Mas quem quiser deixar a Península Ibérica e penetrar nos territórios africanos muito ganhará ao entrar em contato com a dicção poética da prosa de Mia Couto em sua Terra Sonâmbula ou n'O Último Voo do Flamingo; nos romances de Pepetela⁴ ou de José Eduardo Agualusa. Todos guardam dentro de suas páginas inúmeros saberes e sabores que nos

³ Nome artístico de Rómulo Vasco da Gama de Carvalho (1906-1997), poeta, teatrólogo, ensaísta e professor português, autor de diversos livros e ganhador de muitos prêmios literários.

⁴ Nome literário pelo qual é conhecido mundialmente o jornalista e escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (1941), autor de livros como A Gloriosa Família e A Geração da Utopia.

ajudarão ao compreender a densidade e a diversidade do que é Ser Humano.

No universo das letras e dos estudos linguísticos existe espaço tanto para um escritor erudito como Machado de Assis, como para um artista popular como Patativa do Assaré⁵, de quem destacamos o seguinte trecho:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

O erudito e o popular têm seu espaço reservado quando a arte é colocada acima de questões menores. Basta um breve exercício de reescrever o poema acima dentro da norma padrão da língua para que se perceba como a melodia e suavidade dos versos ficam prejudicados. Da mesma forma, ao tentarmos transpor um parágrafo de Machado de Assis para a linguagem cabocla, perceberemos que algo não se encaixa perfeitamente. Prova de que não é a questão do certo ou do errado que deve nortear as discussões acerca do valor da arte literária ou da linguagem escrita ou oral. Há muito mais a ser discutido.

Em nossa às vezes tão desprestigiada e esquecida literatura maranhense há toda uma seara de temas esperando alguém para estudá-los, seja pelo prisma dos estudos linguísticos, seja pelo olhar literário ou pelos dois aspectos concomitantes. Autores como Fernando Moreira, Waldemiro Viana, Ubiratan Teixeira, Conceição Aboud, Lucy Teixeira, Bandeira Tribuzi, José Maria Nascimento, Wanda Cristina, Lúcia Santos, Luís Augusto Cassas, Viriato Gaspar e tantos outros valorosos escritores estão ainda à espera de quem se debruce sobre suas páginas a fim de extrair delas

⁵ Nome artístico do poeta e compositor cearense Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), bastante conhecido por composições como Triste Partida, cantada por Luís Gonzaga.

os saberes que estão submersos entre as linhas e parágrafos que produzem um todo orgânico a ser devassado.

Não tenho dúvida de que aqui mesmo, em São Bernardo, e nas imediações do município, devemos ter inúmeros casos de escritores inéditos ou publicados que podem ser resgatados em pesquisas sobre sua obra, seu estilo sua linguagem. E nem precisa ser escritor para ser objeto de estudo: há os casos de oralidade que precisam ser sistematizadas e transformadas em estudos, há os falares, os vocabulários regionais e as variantes linguísticas que precisam ser estudadas antes que se percam nas dobras do tempo. O nosso campo de estudo é muito vasto e tanto uma biblioteca quanto uma rua podem ser nosso imenso laboratório de pesquisa.

Precisamos seguir algumas das lições do filósofo Walter Benjamin⁶ e valorizar tanto o narrador camponês, aquele que registra em suas narrativas os saberes e os sabores do lugar onde nasceu e foi criado, dando-lhe um valor equivalente ao que é dado ao narrador marinheiro, que navegou por outros rincões levando um pouco de sua terras nas aventuras contadas e trazendo para seu lar os temperos e as histórias vividas ou ouvidas em terras anteriormente estranhas. É preciso seguir a lição de Tolstói⁷ que disse: “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. Ou seja, é preciso também saber valorizar estética e artisticamente nossos locais de origem e nosso entorno, sem deixar de lado também a certeza de que há novos horizontes que podem e precisam ser explorados.

Por algum motivo de difícil explicação dentro da lógica, mas facilmente compreensível dentro do mundo pragmático em que vivemos, alguém decidiu que o estudo da literatura e o da linguística fossem colocados em departamentos estanques, praticamente sem comunicação entre si. Dessa forma, somos levados a estudar a Linguística como uma disciplina isolada, técnica, cheia de nomenclaturas e métodos específicos. Por outro lado, a Literatura é também apresentada aos educandos como algo isolado, estanque e sem ligação direta com as demais disciplinas e ciências voltadas para a linguagem. Mais proveitoso seria deixar claro que

⁶ Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892-1940), filósofo, crítico literário, ensaísta e tradutor alemão que se dedicou a estudar as relações das diversas formas de arte com os aspectos sociais

⁷ Liev Nikoláievich Tolstói (1828-1910), escritor russo autor de Anna Karenina, entre outras obras.

tanto os estudos linguísticos quanto os literários são oriundos de uma matriz em comum: a linguagem humana, que apresenta inúmeras nuances.

Se, mesmo vistas de forma praticamente isoladas, a literatura e os estudos linguísticos já apresentam múltiplos sabores e patrocinam tantos saberes, imaginemos as maravilhas que podem surgir quando essas duas excelentes formas de dialogar com o mundo decidem caminhar de mãos dadas. As palavras não podem ser vistas como algo inosso, elas têm um sabor especial e é isso que torna o contato do idioma com o falante algo mágico e essencial para que os saberes e sabores se tornem inesquecíveis. Manoel de Barros deixa uma grande ao dizer que é sempre preciso:

desinventar os objetos. O pente, por exemplo. É preciso dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

Com essas palavras do mestre pantaneiro, agradeço pela paciência de todos.

Muito obrigado!



Figura 1 Imagens retiradas das redes sociais dos participantes do evento

